



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eleonora Zicari Costa de Brito

O LEMBRAR E O ESQUECER. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS.

Eduardo Henrique Lopes Lima Correa

Brasília  
Junho 2017



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eleonora Zicari Costa de Brito

## O LEMBRAR E O ESQUECER. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS.

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História.

### **Banca Examinadora**

Professora Doutora Eleonora Zicari Costa de Brito (Presidente) – HIS/UnB

Professor Doutor Marcelo Brito – História/UEG

Professora Doutora Susane Rodrigues de Oliveira – HIS/UnB

Brasília  
Junho 2017

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, à minha família, que me apoiou ao longo de toda a minha graduação e tornou possível essa conquista, me dando suporte, e se esforçando para me garantir oportunidades únicas. Agradeço, em especial, à minha irmã e grande amiga, Jéssica Hikari que, durante todo o processo de escrita deste trabalho, me ouviu e ofereceu apoio único.

Agradeço, também, à minha orientadora Eleonora Zicari, por todo o apoio não apenas no processo de escrita deste trabalho, mas ao longo de toda a graduação na Universidade de Brasília. As matérias ofertadas, os textos indicados, os cafés e conversas, as risadas, possibilitaram uma formação acadêmica agradável e me inspiraram ao longo de toda a caminhada acadêmica.

Obrigado, também, a todos os amigos próximos que estiveram comigo, me oferecendo suporte e carinho, me ouviram em momentos difíceis e me apoiaram, acreditando em meu trabalho.

## **Resumo**

A historiografia brasileira tem se dedicado bastante ao estudo da República brasileira. Esse estudo é, frequentemente, baseado em aspectos macrossociais, econômicos e políticos, usando fontes oficiais e estabelecendo e naturalizando marcos. Alguns estudiosos, no entanto, têm buscado novas fontes e formas de abordagem e vêm, assim, desnaturalizando marcos e abrindo novas possibilidades de análise. Este trabalho, que toma como fontes um conjunto de relatos de idosos paulistas, colhidos na década de 1970, pela pesquisadora Ecléa Bosi, dedica-se ao estudo dessas memórias em suas nuances e, então, às relações entre essas memórias e a historiografia a respeito do período. Para tanto, é fundamental que se note a relação entre o que fica e o que não fica nas memórias dos idosos e seus significados afetivos para esses indivíduos, além de suas relações com os grupos sociais dos quais fazem parte.

Palavras-chave: Memória; Historiografia; experiências; marcos; indivíduos e grupos sociais.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1 - O não-dito: esquecimentos, silêncios e outros mecanismos.....</b>	<b>5</b>
<b>1.1 - Presente e memória.....</b>	<b>7</b>
<b>1.2 - Silêncio e esquecimento: o não-dito e suas formas.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 2 - O que fica: memória, indivíduo e sociedade.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 - Cotidiano e memória afetiva: fica o que significa.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 - Memória política e substância social.....</b>	<b>28</b>
<b>Capítulo 3 – História e memória: construções historiográficas.....</b>	<b>35</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>42</b>
<b>Corpus Documental.....</b>	<b>44</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>45</b>

## Introdução

Vem ocorrendo, desde as décadas finais do século passado, uma série de mudanças no campo do trabalho historiográfico. Essas alterações são resultado de um abalo sofrido por algumas certezas e princípios sobre os quais se pautava a escrita da História.<sup>1</sup> Esses princípios, entre os quais estão, segundo Roger Chartier, “o projeto de uma história global [...], a definição territorial dos objetos de pesquisa [...], e o primado conferido ao recorte social [...]”<sup>2</sup>, estariam, gradualmente, se desestabilizando e, assim, abrindo espaço para uma nova pluralidade, tanto de abordagens quanto de compreensões, no campo da História. A essas mudanças, Sandra Pesavento se refere como sendo promotoras de “rupturas epistemológicas profundas” já que, segundo a autora, elas “puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História”.<sup>3</sup>

As transformações pelas quais o campo da História tem passado ocasionaram uma reorientação do trabalho do historiador, abrindo seu campo de estudo para novas formas de pesquisa, temas, objetos de estudo e fontes históricas. Nesse contexto, é crescente, na área das ciências humanas e, mais especificamente, no âmbito da Nova História Cultural, o interesse pelo estudo de indivíduos e grupos sociais antes ignorados ou pouco estudados, o que tem propiciado uma renovação dos objetos de estudo da História. Além disso, as fontes das quais os historiadores se utilizam para construir suas narrativas a respeito do passado também têm sido foco de renovação. Nesse sentido, a fonte oral tem aparecido como documento possível, sobre a qual os historiadores podem se debruçar e pautar suas análises e ponderações.

Apesar dessa renovação das possibilidades de aproximação da História de seu objeto de estudo, ainda prevalece<sup>4</sup>, sobre certos períodos da História, uma abordagem focada apenas em eventos e personagens políticos, em detrimento de questões sociais ou culturais. É nesse contexto, de abertura de campos de estudo e pesquisa ainda recente, mas consolidada, que se insere este trabalho, tendo em vista que o foco, aqui, é fazer uso

---

<sup>1</sup> CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n.11, 1991, p. 173-191.

<sup>2</sup> Idem, p. 176.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 8.

<sup>4</sup> O conceito de prevalecer, aqui, não se refere a questões quantitativas (ou seja, não se pressupõe a maior existência de trabalhos políticos a respeito do período aqui estudado), mas sim à prevalência enquanto discurso historiográfico dominante, com maior propagação e difusão.

de uma abordagem característica da Nova História Cultural, baseada em conceitos e formas próprias dessa corrente, a um período da história brasileira (a saber, século XX) sobre o qual superabundam estudos cujo viés político ainda prevalece.

Com base no reconhecimento da pluralidade de temas, abordagens e perspectivas teóricas existentes no campo da História, este trabalho propõe-se ao estudo de um objeto bastante caro à Nova História Cultural: a memória. Há muitas discussões a respeito da relação entre memória e História, e muitos autores se dedicam ao estudo e debate dessa relação. No entanto, a partir da abertura do campo da História, a memória, como fonte e/ou objeto, tem passado a fazer parte de muitos trabalhos historiográficos. Andreas Huyssen, pesquisador alemão, atribui essa ascensão da memória no campo da História ao surgimento e avanço de uma nova história essencialmente voltada para rever o passado, evidenciando histórias antes marginalizadas, para a qual a memória seria crucial, na medida em que possibilita a escrita dessa nova história, dando voz aos seus sujeitos.<sup>5</sup>

Sendo essa proposta de estudo de histórias antes marginalizadas um dos pontos sensíveis à Nova História Cultural, a memória pode (e porque não *deve*?) ser objeto de investigação dos intelectuais que se debruçam sobre o passado, a fim de estudá-lo e compreendê-lo. Dessa forma, a memória é, aqui, tomada como objeto de estudo, e é analisada não de maneira genérica, a partir de postulados gerais, mas a partir de um *corpus* documental específico: narrativas autobiográficas de idosos paulistas colhidas na década de 70 pela psicóloga social Ecléa Bosi. Nesses relatos, compilados em um livro de título “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, há a história de vida de oito idosos.

É fundamental, porém, no âmbito deste trabalho, salientar que a memória tem, como tantas outras fontes, uma característica fundamental: insere-se em regimes de representação. Sendo representações sobre o passado, as memórias de vida dos idosos substituem, colocam-se no lugar de, e dão significado à própria vida e experiências desses idosos (o representado). Nesse processo, é importante entender que a memória é sempre seletiva<sup>6</sup>, já que “ela nunca poderá ser um mero registro, pois é uma representação

---

<sup>5</sup> HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

<sup>6</sup> CATROGA, Fernando. Memória e história. In: Sandra Pesavento (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001, p. 43-69.

afetiva”.<sup>7</sup> Ecléa Bosi afirma que “A lembrança [...] impregna as representações”.<sup>8</sup> Não nos passa despercebido, no entanto, que essa é uma relação dialética: as representações também impregnam as lembranças, sendo que as visões de mundo dos indivíduos e grupos influenciam diretamente no caráter e na forma de suas lembranças e de sua memória, de maneira geral.

Nesse contexto, vale lembrar que a memória que os idosos expressam corresponde à sua própria maneira de ver o mundo e de entender, tanto a si quanto a seu passado, em relação com aquilo que os cerca (sejam pessoas, lugares, atividades). Esse processo de lembrar constitui-se como tentativa de organizar, “ordenar [...] o caos dos acontecimentos”<sup>9</sup> de suas vidas. Entende-se, então, que os idosos, quando fazem seus relatos, verbalizam aquilo que lhes ficou por processos comuns à memória: os silêncios, o esquecimento, os processos de seleção (por vezes consciente e por vezes não), e a sua própria relação com as necessidades do presente.

Tendo como base o entendimento da característica representacional<sup>10</sup> da memória, não há a pretensão, nesta pesquisa, de se chegar a uma verdade sobre o passado a partir da contraposição de visões, mas, ao contrário, busca-se entender os mecanismos de representação na memória desses idosos. Sendo assim, o foco concentra-se em perceber e analisar o dito e o não-dito pelos idosos em seus relatos autobiográficos, na tentativa de compreender, sem qualquer pretensão de preencher lacunas, os processos das memórias expressos em suas narrativas.

Para tanto, o primeiro capítulo desta monografia, “O não dito: esquecimentos, silêncios e outros mecanismos”, aborda os silêncios e esquecimentos presentes nas memórias dos idosos, propondo-se a apresentar aquilo que não foi dito (reafirmando não haver intenção de preencher lacunas nas falas dos idosos, já que, como afirma Ecléa Bosi, “Ao silêncio do velho seria bom que correspondesse o silêncio do pesquisador”<sup>11</sup>), seja por escolha ou esquecimento, e levantar possibilidades de análise dessas escolhas,

---

<sup>7</sup> Idem, p. 46.

<sup>8</sup> BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 36

<sup>9</sup> CATROGA, Fernando. Op. cit., p. 57.

<sup>10</sup> O termo *representacional* é utilizado, aqui, em substituição à locução *de representação* e, portanto, sem nenhuma conotação quantitativa.

<sup>11</sup> BOSI, Ecléa. Op. cit., p. 65.



colocando em questão os mecanismos da memória. Os subcapítulos analisam como o presente pode influenciar na memória, naquilo que se lembra no momento do relato e naquilo que se escolhe contar, e apontar silêncios, esquecimentos, lapsos de memória e tantos outros mecanismos próprios ao processo memorialístico.

O segundo capítulo, intitulado “O que fica: memória, indivíduo e sociedade”, traz à tona aquilo que a memória dos idosos faz emergir. Partindo da premissa de que “fica o que significa”<sup>12</sup>, os subcapítulos discutirão o que fica do passado a partir do que eles contaram. Nesse contexto, destacam-se duas problemáticas principais. A primeira delas é a de que, nas memórias cotidianas, permanecem e são contadas aquelas lembranças com as quais os idosos guardam algum laço afetivo. A segunda, desenvolvida a seguir, é a de que as memórias políticas estão, em geral, permeadas por memórias coletivas e sociais dos grupos nos quais os indivíduos estão inseridos.

Por fim, discute-se, no capítulo de título “Historiografia e memória: a construção historiográfica da memória histórica”, as possíveis relações entre memória e história, a fim de que se entendam os processos de construção dessas duas representações e como essas se influenciam mutuamente em sua formação, tornando certas versões e representações discursos dominantes e fazendo silenciar tantos outros discursos e representações sobre certo momento.

---

<sup>12</sup> Essa frase é utilizada, da forma como está escrita, por Marilena Chauí no prefácio de BOSI, Ecleia. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

## Capítulo 1 – O não-dito: esquecimentos, silêncios e outros mecanismos

As palavras são cheias de sentidos a não se dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas.<sup>13</sup>

Diversos fatores chamam a atenção nas falas e relatos dos idosos paulistas adotados como fontes para este trabalho. Entre tantas questões, há uma distinção inicial (de grande importância para o estudo da memória) a ser feita e analisada: aquilo que os idosos e idosas escolhem contar e detalhar sobre suas vidas, histórias e acontecimentos, e aquilo que preferem não dizer, manter em silêncio, não detalhar ou simplesmente ignorar quando estão falando sobre suas vidas. Ao longo dos relatos, há tensão constante entre o dito e o não-dito, pois “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer”.<sup>14</sup> A partir dessa informação, entende-se que ambos, dito e não-dito, informam e podem ser objetos de análise do pesquisador.

Não são poucos, também, os fatores que influenciam nessa seleção feita pelos idosos, tanto em termos narrativos (aquilo que se escolhe contar), quanto em termos de memória (aquilo que se pode contar por ainda estar na memória e não ter sido esquecido)<sup>15</sup>. Partindo do pressuposto de que há processos seletivos nessas duas naturezas (seleção da memória e seleção da narrativa), torna-se evidente, também, a existência de silêncios decorrentes dos dois processos (ou seja, por esquecimento ou por escolha). Analisar o não-dito é, então, levantar possíveis<sup>16</sup> motivos e fatores que tenham levado os indivíduos a não contar partes de sua vida, buscando entender esses silêncios mais como silêncio fundante<sup>17</sup> do que como silêncio negativo.

Para fazer dessa análise algo possível, é necessário entender que o silêncio não passa apenas pelo não-dito, mas está presente mesmo dentro do que foi dito. É o caso, por

---

<sup>13</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 14.

<sup>14</sup> Idem, p. 12.

<sup>15</sup> Reafirma-se o caráter seletivo da memória, citado por Fernando Catroga e explicado na introdução deste trabalho. CATROGA, Fernando. Memória e História. In PESAVENTO (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: 2001, p. 46.

<sup>16</sup> E, nesse caso, trabalha-se apenas com possibilidades.

<sup>17</sup> A concepção de silêncio fundante é cara a Eni Orlandi, que explica, em *As Formas do Silêncio*, que o silêncio não é vazio de significado, e sim condição essencial da significação, sendo um fenômeno histórico e ideológico.

exemplo, da própria escolha vocabular dos indivíduos. Isso porque dizer uma palavra é não dizer tantas outras, silenciando uma série de sentidos possíveis e restringindo as possibilidades de interpretação do interlocutor. Além disso, colocar uma palavra em certo contexto, significando certo sentido, é silenciar diversos outros sentidos daquela mesma palavra.

A análise a ser feita, portanto, nas próximas páginas deste trabalho, passa por essa concepção de silêncio que não limita análises e sentidos, mas, ao contrário, amplia as possibilidades de ambos. Sendo assim, diversas questões podem ser levantadas e levadas à fonte, tais quais: o que não é contado? Porque essas coisas não são contadas? Que mecanismos garantem (se é que há realmente tais mecanismos) que aquilo que não foi contado ficará em silêncio? A resposta a todas essas questões é incerta – não há como questionar os idosos (já falecidos) a respeito de seus silêncios, e esse procedimento sequer seria adequado, como afirma a própria compiladora dos relatos, ao dizer que “ao silêncio do velho seria bom que correspondesse o silêncio do pesquisador”<sup>18</sup>.

A pesquisa envolvendo silêncios e esquecimentos, no entanto, apesar de se deparar mais com incertezas do que com conclusões, se mostra extremamente relevante, tendo em vista que os silêncios impregnam a linguagem, estão presentes em todos os processos narrativos e são fundamentais para o próprio processo de significação do que é narrado. Entender o que não é contado é indispensável para a compreensão daquilo que o é, porque “[...] a formação discursiva já evoca por si o “outro” sentido que ela não significa”.<sup>19</sup> Dessa forma, é necessário esforço no sentido de compreender e buscar respostas para as questões levantadas, a fim de entender aspectos importantes da memória que é adotada, aqui, como objeto de estudo.

Várias são as respostas possíveis para uma questão ampla como “o que não é contado?”. A resposta, evidentemente, depende do foco adotado. Uma série de eventos políticos ou aspectos econômicos não são relatados pelos idosos, assim como diversos eventos e momentos de suas vidas pessoais. Outras coisas não ficam em silêncio, mas são deixadas implícitas pelos idosos em seus relatos autobiográficos.

---

<sup>18</sup> BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 65.

<sup>19</sup> ORLANDI, Eni. Op. cit., p. 21.

Quanto aos motivos que levaram à escolha pelo silêncio, já pondera Michael Pollak que “o silêncio tem razões bastante complexas”<sup>20</sup>. O autor afirma, ainda, que razões pessoais e políticas podem causar o silêncio, além de situações “ambíguas e passíveis de gerar mal-entendidos”<sup>21</sup>. Há, então, uma série de motivos pelos quais esses silêncios acontecem, alguns conscientes e outros nem tanto. Vale citar, no âmbito deste trabalho, entre esses fatores que podem ocasionar o silêncio quanto a alguns eventos e momentos, estão: a influência do presente no processo de lembrança, os processos seletivos da memória afetiva e os processos de construção da memória política influenciada por aspectos da memória coletiva.

Além de todos os fatores levantados acima, faz-se necessário destacar o papel do esquecimento, que muitas vezes impossibilita o relato ou a abordagem de certos pontos nas narrativas. Todos esses fatores podem ser motivadores do silêncio dos indivíduos e devem ser observados na busca por explicações possíveis das razões e formas dos idosos de silenciar e/ou não falar aquilo que não é dito.

A partir da percepção da diversidade de razões e questões que podem intervir no não-dito nas narrativas dos idosos, reafirma-se que o objetivo não é trazer à tona o implícito nos relatos ou preencher lacunas nas fontes, mas apontar escolhas de silêncio, levantar possibilidades de análise dessas escolhas e colocar em questão os mecanismos da memória. Nas próximas páginas deste trabalho serão, portanto, exploradas questões voltadas ao papel do presente nesse processo e como este intervém nas narrativas dos idosos sobre seu passado; os mecanismos e motivos relativos ao não dito e, ainda, o esquecimento como fator limitador do relato dos idosos.

## 1.1 – Presente e Memória

É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989, p. 6.

<sup>21</sup> *Idem*.

<sup>22</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 168.

Entre os inúmeros fatores que influenciam diretamente na memória, está o presente. Não são poucos os estudos que apontam para o fato de que a memória é “uma re-presentificação, feita a partir do presente [...]”<sup>23</sup>. Isso porque todo o olhar dirigido ao passado pelo sujeito que relembra não é senão um olhar dirigido pelo presente a este outro tempo, que já não é mais. Em outras palavras, “a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado”.<sup>24</sup>

Essa característica fundamental da memória (a saber, a relação entre presente em que se relata e passado relatado) é notável, em suas várias formas e manifestações, ao longo das narrativas autobiográficas dos idosos paulistas. Marcas importantes da relação do passado narrado com o presente vivido (ou tempos entre esse passado narrado e o presente) se apresentam em diversos momentos e partes dos relatos dos idosos, trazendo à tona o que Fernando Catroga chama de “tensão tridimensional do tempo”.<sup>25</sup>

Como postula Henri Bergson<sup>26</sup> em seu estudo sobre memória feito ainda no século XIX, a lembrança do passado é influenciada diretamente pelo tempo presente do sujeito que lembra. Para o autor, a memória permite a relação do presente com o passado, e, “ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações”.<sup>27</sup> As lembranças estariam, então, sempre juntas das percepções atuais, que influenciam diretamente na forma como as entendemos e pensamos sobre elas, e ajudando a configurar o presente, atribuindo-lhe sentidos.

Ora, se, por um lado, a memória intervém nas representações do presente dos sujeitos, por outro lado, as lembranças que vêm à tona quando o sujeito relembra são, necessariamente, relacionadas a esse mesmo presente por elas influenciado. Dessa forma, atesta-se, para Bergson, a existência de uma relação dialética entre lembrança (passado) e percepção (presente), tendo em vista que há dependência mútua entre ambos. Entende-se, então, que todo o movimento da memória é organizado a partir da perspectiva do sujeito que relembra, e esse sujeito não é senão o sujeito do presente.

---

<sup>23</sup> CATROGA, Fernando. Memória e História... Op cit, p. 46.

<sup>24</sup> BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória*. ... Op cit., p. 20.

<sup>25</sup> CATROGA, Fernando. Op. cit., p. 46.

<sup>26</sup> BERGSON, Henri. Op. cit.

<sup>27</sup> BOSI, Ecléa. Op. cit., p. 36.

Quem relembra está, assim, realizando um processo de (re) organização, “no intento de ordenar (*retrospectivamente*) o caos dos acontecimentos”<sup>28</sup>. Essa (re) organização do passado realizada pela memória, ocorre, no entanto, no tempo presente, servindo, necessariamente, a seus interesses e seguindo, de maneira mais ou menos consciente, suas exigências e formas. Vale ressaltar que “a memória [...] coloniza o passado e o organiza na base das concepções e emoções do presente”<sup>29</sup>.

A partir do reconhecimento da importância do presente para as memórias que permanecem e são contadas pelos idosos e da relação dialética e dialógica entre lembrança e percepção (e, então, entre passado e presente), torna-se clara a necessidade da busca por evidências do presente nos relatos que são contados (e essas evidências são bastante frequentes e mais ou menos conscientes), já que essas marcas têm muito a dizer tanto quanto ao que foi relatado pelos idosos quanto aos silêncios existentes em seus relatos.

Para além disso, o reconhecimento da influência do presente sobre as lembranças do passado se faz ainda mais relevante quando se leva em conta o fato de que a memória é representação e, portanto, se coloca no lugar daquilo que é representado<sup>30</sup>. Dessa forma, aquilo que ficou na memória do idoso sobre um acontecimento é, para ele, *o que realmente aconteceu*, e, então, é o que ele escolherá contar quando está relatando a sua vida. Sendo assim, entender o caráter de representação da memória no contexto da relação dialógica entre passado e presente é fundamental para a compreensão das narrativas dos idosos, no que se refere ao dito e ao não-dito.

Entre as tantas marcas do tempo presente nos relatos dos idosos paulistas, há comparações constantes entre o que se viveu em certo período e o que se vive *agora*<sup>31</sup>. O Sr. Ariosto, idoso nascido no ano de 1900 na cidade de São Paulo e filho de imigrantes italianos que vieram ao Brasil para trabalhar em uma fazenda ainda em fins do século XIX, diz, em seu relato “Estou lendo e analisando: está acontecendo a mesma coisa, sendo muita a miséria”.<sup>32</sup> Para esse senhor, a miséria que se vive no presente (década de 70) é

---

<sup>28</sup> CATROGA, Fernando, Op. cit., p. 57.

<sup>29</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 66.

<sup>30</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 21.

<sup>31</sup> O advérbio *agora*, nesse caso, refere-se ao tempo presente do relato dos idosos, a saber, em meados da década de 70.

<sup>32</sup> Ariosto ... Apud BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 167.

comparável e semelhante àquela vivida na época da revolução de 1924, quando aconteciam diversos saques e roubos de mantimentos, de acordo com seu relato.

Nota-se, aí, que o relato detalhado da experiência de 1924 relaciona-se, entre tantas outras coisas, à necessidade do idoso de explicar o seu presente – o Sr. Ariosto termina esse pensamento (expresso, na transcrição, pelo fim de um parágrafo) afirmando que “É exatamente por isso que estou aqui, no asilo de indigentes”<sup>33</sup>. Dessa forma, fica claro que o passado está sendo usado, neste caso, com caráter explicativo para uma condição atual da vida do idoso. Esse é apenas um dos casos em que se percebe que a lembrança está servindo às necessidades do presente.

O Sr. Antônio, paulista filho de imigrantes italianos, nascido no ano de 1904, nos informa que “as cerimônias religiosas mudaram muito do meu tempo de menino pra hoje”.<sup>34</sup> Após citar e relatar festas e contar sobre as celebrações religiosas que ocorriam em seu tempo de menino, Sr. Antônio compara as missas que aconteciam no início do século XX e aquelas que acontecem já na década de 60, a fim de explicar seu envolvimento nas celebrações religiosas atuais, já que “essa agora é mais pueril, mais achegada ao coração da gente”.<sup>35</sup> As comparações explicitadas mostram que o passado serve, frequentemente, no momento da lembrança, ao presente.

Chama, também, a atenção, a forma como dona Jovina se refere às irmãs, quando afirma que “as pequenas, Brites (com nove anos), Clélia (com sete), Guiomar (com quatro) davam-se muito bem”<sup>36</sup>. Chamá-las de “pequenas” e informar suas idades quando Jovina tinha apenas quinze anos deixa uma forte marca de que o olhar dirigido por dona Jovina ao passado é o seu olhar de jovem<sup>37</sup>. No entanto, pode-se notar, ao longo do relato, que toda a narrativa tecida pela idosa é organizada pelo seu presente.<sup>38</sup>

Isso porque, diferentemente da maioria dos outros idosos (inclusive sua irmã, d. Brites), d. Jovina não conta (seja por não se lembrar ou por escolher silenciar) cantigas ou detalhes de seu bairro. Seu relato se organiza, ao contrário, com base em memórias e

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 228.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit p. 269.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 415.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 412.

lembranças de seu princípio de militância, de seus sentimentos ao ver injustiças sociais, de suas ações e revoltas contra essas injustiças. A própria idosa afirma, no fim de seu relato, que “Essas coisas em minha vida vieram ao encontro do que já existia em mim. Eu já tinha tudo isso *dentro de mim*. Fui sempre uma revoltada”.<sup>39</sup> Essa passagem mostra, mais uma vez, o passado sendo usado pelo presente de forma a explicar ou justificar uma situação ou característica atual de quem está relatando. É como se o presente encontrasse no passado a sua justificativa.

Outra colocação relevante para a análise feita no âmbito deste trabalho, está no relato de Sr. Abel, nascido no ano de 1903. Ele afirma que quer “a tradição, porque quem não teve passado não tem presente”.<sup>40</sup> Essa frase, que é dita pelo idoso após contar a história de uma conversa com sua esposa que ocorreu depois de uma visão que teve, coloca a relação entre passado e presente, novamente, em destaque. Para Sr. Abel, é fundamental conhecer e entender o seu passado para que se tenha um presente. Há, então, uma relação de forte dependência, como já atestado, entre esses dois tempos.

D. Brites, irmã de d. Jovina, nascida no ano de 1903, faz, também, algumas ponderações sobre a própria memória e o ato de lembrar. Segundo ela, aquilo que ela relata “[...] são fatos que se vivem apaixonadamente na época. Depois que passou põe-se uma pedra por cima”.<sup>41</sup> Apesar de parecer uma visão bastante cética a respeito da memória, ela afirma, no entanto, que “Eu ainda guardo isso para ter uma memória viva de alguma coisa que possa servir a alguém”.<sup>42</sup> Neste caso, não resta dúvidas de que o uso do passado no presente é, no caso de d. Brites, bastante consciente. Entretanto, a mesma idosa afirma que “à medida que a gente envelhece vai perdendo a memória do presente”<sup>43</sup>, mostrando que nem sempre aquilo que fica na memória é o que se gostaria que ficasse.

Vale, ainda, destacar, no contexto do estudo da relação passado-presente, o uso recorrente de uma expressão pelos idosos em seus relatos. A expressão *meu tempo* é usada diversas vezes pelos memorialistas para se referir ao seu próprio passado e, mais especificamente, à sua juventude. Chama a atenção o uso da expressão por se entender

---

<sup>39</sup> Ibidem, p. 295.

<sup>40</sup> Abel ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 216.

<sup>41</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit p. 339.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 360.



que os idosos ainda vivem e, portanto, em sentido amplo, o tempo do relato é, ainda, o seu tempo. Entende-se, entretanto, que os idosos não percebem o tempo de sua velhice como o seu tempo.<sup>44</sup>

É d. Brites, mais uma vez, que traz importante contribuição para a compreensão desse uso da expressão *meu tempo*. A idosa afirma que “meu tempo foi o tempo que fui professora, que tive o convívio das crianças”.<sup>45</sup> Essa colocação, feita após os relatos de suas experiências como professora, permite o levantamento da hipótese de que os senhores e senhoras entrevistados por Ecléa Bosi veem o seu tempo como o tempo de sua juventude, por considerarem a fase jovem de sua vida como a sua fase produtiva. Outra observação que reforça essa ideia é a de que, dentre os idosos que mais citam expressões como “em meu tempo”, estão aqueles que, por quaisquer razões, já não podem mais trabalhar, como é o caso de d. Brites, citada acima. Nos relatos de idosos como o sr. Amadeu, que ainda realiza atividades de como o cuidado com a casa e auxílio a crianças na Casa André Luís<sup>46</sup>, por exemplo, essas marcas são menos frequentes.

Nesse sentido, percebe-se que a relação passado-presente é análoga à relação eu-outro/identidade-diferença. Para os idosos, sua identidade está no passado e o presente é um outro, diferente e, por vezes, irreconhecível. Dessa forma, pode-se entender que as afirmações constantes de identidade feitas pelos idosos, nas quais reconhecem-se como pessoas do passado (aquelas relativas ao *meu tempo* ou à *minha época*, que estão na base das comparações), fazem-se necessárias, para eles, pela existência de um tempo que não é o seu, mas é do outro. Isso porque “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido”.<sup>47</sup> E pelo fato de que no mesmo indivíduo convivem diversas identidades simultânea e assincronicamente.

A partir das observações feitas acima, nota-se que a relação entre presente e passado é complexa. Apesar disso, é possível atestar que há forte ligação entre esses dois tempos e que essa ligação está longe de ser unilateral, mas é, ao contrário, fortemente

---

<sup>44</sup> Ibidem, p. 421.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> BOSI, Ecléa. ... Op cit., p. 422.

<sup>47</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 75.

dialética, havendo dependência mútua entre passado e presente, lembrança e percepção/representação atual. Beatriz Sarlo, pesquisadora argentina, afirma que “poderíamos dizer que *o passado se faz presente*. E a lembrança precisa do presente porque [...] o tempo *próprio* da lembrança é o presente”.<sup>48</sup>

Se, por um lado, o tempo da lembrança é sempre o tempo presente, o que ficou, por outro lado, não depende apenas das condições presentes. O dito e o não-dito, são, definitivamente, motivados também pelo presente, mas não dependem apenas desse. Em outras palavras, o presente é o tempo em que se lembra, mas não é, evidentemente, o único tempo que influencia sobre as lembranças. De forma mais ou menos consciente, os silêncios decorrentes do presente são, geralmente, seleções da narrativa. O relato, no entanto, como já se sabe, passa por seleções da memória e seleções da narrativa.

## 1.2 – Silêncio e Esquecimento: o não-dito e suas formas

A gente que trabalha não pode guardar tanta coisa assim na cabeça. A gente esquece e procura esquecer.<sup>49</sup>

Como já se tornou possível perceber, inúmeros fatores influenciam direta ou indiretamente sobre aquilo que os idosos lembram e, ainda, sobre aquilo que escolhem contar. O que não é dito em seus relatos autobiográficos pode, assim, não o ser por uma série de motivos. Entre esses motivos, há dois considerados relevantes no âmbito deste trabalho, a saber: os *esquecimentos* e os *silêncios* conscientes. Faz-se, então, necessária, uma diferenciação desses dois mecanismos para a compreensão de suas naturezas e manifestações no *corpus* documental aqui adotado.

Os *esquecimentos* referem-se aos fatos, eventos e momentos que já não fazem parte acervo memorial da pessoa. Em casos como esses, os entrevistados, muitas vezes, querem contar algo, procuram em sua memória, iniciam suas frases, se esforçam no sentido de trazer à memória, mas não conseguem puxar dali aquilo que buscam, porque

---

<sup>48</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado...* Op cit., p. 10.

<sup>49</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade...* Op cit., p. 388.

o que buscam já não está mais lá. Os processos de esquecimento podem ocorrer em momentos, de maneira e por razões bastante diversas e se dão, geralmente, por filtro da memória.

Há esquecimentos que ocorrem quando do acontecimento, e, nesse caso, a memória filtrou e não guardou (em seus processos seletivos que passam por questões sociais e psicológicas de natureza bastante complexa) certo evento ou momento. Assim, os senhores e senhoras simplesmente não citam fatos ou assuntos, porque esses, desde o acontecimento, não ficaram registrados em suas memórias e, portanto, não podem ser lembrados quando se olha para trás a fim de contar o seu passado.

Alguns exemplos desse tipo de esquecimento, por mais que sejam raros, podem ser encontrados ao longo das narrativas autobiográficas dos idosos. É o caso, por exemplo, de D. Jovina, que afirma “não me lembro do fim da Primeira Guerra, foi uma coisa sem repercussão”.<sup>50</sup> Nesse caso, a idosa dá a entender que o fim da primeira guerra mundial não foi apagado de sua memória, de fato nunca esteve lá, já que a justificativa para o esquecimento, ao longo do relato, é o de que foi um fato “sem repercussão”.

Há, também, esquecimentos posteriores, que ocorreram entre um acontecimento/evento/momento vivido e o momento do relato, ou seja, o processo se deu com momentos e acontecimentos que já estiveram na memória. Esses são, muitas vezes, decorrentes da passagem do tempo, da velhice, de doenças, de processos psicológicos complexos, lapsos de memória, entre outros. Nesse caso, as marcas deixadas ao longo da narrativa são mais claras, tendo em vista que os idosos começam a contar algo, iniciam suas reflexões, ponderações e frases sobre certo assunto, mas simplesmente param de contar, informam que houve esquecimento ou desviam os eixos de suas narrativas, a fim de não ter que lidar com a sensação e frustração potencialmente causadas pelo esquecimento de algo que se quer lembrar.

São exemplares desses casos afirmações como aquela feita por Sr. Amadeu, que informa à psicóloga social que “A história é mais cumprida, [mas] nesse momento me escapa a memória”<sup>51</sup>. Nesse caso, a lembrança, *no momento do relato*, já não pode ser encontrada na memória. Dona Jovina também afirma que “talvez minha memória tenha

---

<sup>50</sup> Jovina, Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 289.

<sup>51</sup> Amadeu. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 125.

apagado”<sup>52</sup>, dando a entender que a história interrompida por essa afirmação já não está mais em sua memória por processo de esquecimento.

Vale ressaltar que, nos casos apresentados acima, os eventos e histórias sendo contados já estiveram na memória, mas por alguma razão (e seria necessária uma análise psicológica pessoal do caso para que se levante mais informações a respeito dessa razão) foram esquecidos e já não podem ser encontrados. Dessa forma, há o início do relato, conta-se a história, abre-se o assunto, mas esses são bruscamente interrompidos por marcas de esquecimento.

Outra marca de esquecimento que chama à atenção pode ser encontrada no relato de D. Alice quando a idosa fala sobre acontecimentos do fim da década de 1920 e início da década de 1930, afirmando que “não tenho lembrança dos fatos dessa época”.<sup>53</sup> Nesse caso, fica clara a ocorrência de esquecimento, mas não há evidência suficiente para que se afirme a natureza desse esquecimento, se ocorreu logo no período do acontecimento ou se este se situa entre o fato e o momento do relato. Mais um caso importante para a análise de esquecimentos é visto na passagem em que Sr. Abel afirma “Ah! Esqueci uma coisa interessante!”<sup>54</sup>. Nessa passagem, o termo *esqueci* é usado em referência a algo que, em situação anterior, ao longo da narrativa, não se foi possível trazer à superfície da memória, mas que ainda estava guardado e foi, posteriormente, trazido à tona.

Já os silêncios conscientes, aos quais nos referiremos, ao longo do texto, apenas como silêncios, se dão por processos seletivos da narrativa, ou seja, dizem respeito a coisas que não foram contadas por escolha dos indivíduos quando do momento do relato. Os silêncios podem, como os esquecimentos, ter sua origem em inúmeras razões e motivos. Entre esses motivos, há: situações que trazem traumas e despertam sensações indesejadas; ocasiões em que os comportamentos e ações dos indivíduos podem não ter correspondido aos seus posicionamentos atuais, entre outros.

Antes de partir à análise detalhada de passagens e momentos de silêncios nas narrativas, é importante ressaltar que os silêncios não se restringem ao não dito e não se referem obrigatoriamente a ausências ou questões deixadas implícitas ao longo dos

---

<sup>52</sup> Jovina. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 287.

<sup>53</sup> Alice. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 117.

<sup>54</sup> Abel. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 184.

relatos. Ao contrário, a concepção aqui adotada de silêncio aproxima-se do que Eni Orlandi chama de “silêncio fundante”.<sup>55</sup> Esse tipo de silêncio, ainda que geralmente sem aparecer diretamente no texto, diz tanto quanto o dito, porque está na base da significação.

Nesse sentido, o silêncio pode ser encontrado até mesmo nas escolhas de palavras, já que dizer uma coisa é, necessariamente, não dizer outras, silenciando outros sentidos e formas de se falar sobre certa questão. Além disso, a aplicação de uma palavra em um sentido dentro de certo contexto põe em silêncio outros sentidos dessa mesma palavra. Tudo isso aponta para o fato de que o silêncio é a base da significação<sup>56</sup>, mas também evidencia que aquilo que está em silêncio é, na verdade, um mundo de sentidos e significados possíveis.

Exemplares disso são as escolhas de personagens e fatos políticos a respeito dos quais os idosos falam e, também, as perspectivas que adotam quando falam desses personagens e fatos. Assim, escolher falar de alguns acontecimentos de certo período e não de outros, por exemplo, já é silenciar uma série de questões relativas a esses fatos. Além disso, contar eventos e acontecimentos a partir de uma perspectiva<sup>57</sup> é, frequentemente, silenciar todas as outras perspectivas possíveis a respeito de certo assunto.

A visão teórica apresentada nos parágrafos acima é fundamental para que se compreenda a complexidade da análise de silêncios, especialmente levando-se em conta a perspectiva de silêncio como algo maior que o não dito, presente dentro de tudo que se diz. No entanto, não se pode, no âmbito deste trabalho, buscar uma análise desses silêncios<sup>58</sup>, uma vez que isso pressuporia uma série de suposições (a respeito do que não se quis dizer) que não podem ser feitas com base exclusivamente nas fontes adotadas.

Sendo assim, parte-se, agora, à análise das marcas deixadas pelo não dito, aquilo que os senhores e senhoras escolheram não contar. Ora, as manifestações dos silêncios são menos frequentes e mais sutis ao longo das narrativas, quando comparadas à

---

<sup>55</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 14.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>57</sup> O que, como já se sabe, é inevitável no contexto das representações.

<sup>58</sup> Aqueles referentes ao silenciamento semântico de palavras ou de outras perspectivas a respeito de fatos, pessoas ou eventos.

frequência e intensidade das marcas de esquecimentos nesses mesmos textos. Esse fenômeno se deve ao fato de os silêncios conscientes serem resultado de escolhas das pessoas que relatam e, portanto, constituírem-se em tentativas deliberadas de esconder, não falar sobre ou silenciar.

Apesar disso, ainda podem se encontrar algumas passagens, no decorrer dos relatos, que trazem à tona um processo de silenciamento, mostrando a escolha, por parte dos idosos, de não contar certos momentos de suas vidas. Duas delas, uma de D. Brites e outra de sua irmã, D. Jovina, são emblemáticas quanto a esses processos.

D. Brites afirma, ao falar sobre o período entre 1924 e 1927, que “Esse pedaço não quero lembrar”<sup>59</sup>. A idosa explica a sua escolha pelo silêncio, informando que “Foi depois da morte da nossa mãe. [...] foi nessa época que entramos num túnel e saímos do outro lado sã e salvas”.<sup>60</sup> Neste caso, a idosa escolheu não falar sobre um assunto que, ainda que pudesse, *prefere não lembrar*. Isso porque a morte de sua mãe representou um forte trauma em sua vida, já que “Mamãe era nosso esteio e a falta desse esteio foi horrível”.<sup>61</sup> Dessa forma, pode-se perceber a ideia de que fortes traumas podem ocasionar tanto esquecimento quanto escolha por silêncio.

Dona Jovina decide parar seu relato no momento de sua história em que se casa. Nas palavras da idosa, “Depois de 1927 casei-me e casada não fui mais eu. Fui Jovina-Samuel. Minha vida foi a dele. Não posso falar das feridas recentes que ainda doem. Não posso reviver uma vida que terminou com ele”.<sup>62</sup> Dona Jovina escolhe silenciar todo um período de sua vida (a saber, do momento em que se casou, em 1927, até a morte de seu marido, na década de 70, próximo ao momento do relato), pela dor que as lembranças de sua vida de casada podem suscitar.

Pode-se chamar, por fim, a atenção a algumas outras reflexões feitas pelos idosos a respeito da própria memória e do não dito (seja por esquecimento ou silêncio). Dona Alice afirma, no fim de seu relato que “Não tem uma coisa pra lembrar, fica sempre igual”<sup>63</sup>. Nesse sentido, pode-se dizer que algumas das escolhas de silêncio da idosa se

---

<sup>59</sup> Brites. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 323.

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> Jovina. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 295.

<sup>63</sup> Alice. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 121.

devem ao fato de ela acreditar que, depois de certo tempo, “fica [tudo] sempre igual”, e, portanto, não vale a pena a repetição no relato.

Duas afirmações de Dona Brites são, também, de importante observação neste estudo. Em uma delas, a idosa afirma, ainda sobre o período da morte de sua mãe, “[...] certo pedaço [o período logo após a morte de sua mãe] botei uma pedra em cima e não penso. São atitudes que se toma na vida, que se sofre muito e nem sempre se é muito compreendida”<sup>64</sup>. Novamente, fica clara a ideia de que Dona Brites escolhe não voltar a lembrar, para relatar, um momento extremamente traumático em sua vida.

Outra afirmação de Dona Brites que leva a reflexão a respeito da grande quantidade de motivos que podem levar ao silêncio ocorre no momento em que a idosa está falando a respeito de sua participação política. A senhora enuncia, “não posso contar pra você, houve vários congressos e os fatos se misturam na minha memória”<sup>65</sup>. Aqui, ainda que as informações buscadas pela idosa estejam em sua memória, ela escolhe não contar, porque “os fatos se misturam”.

Indo na contramão dos esquecimentos dos demais idosos, Dona Jovina, confiante na própria memória, mas de maneira melancólica, tendo em vista sua aparente constante relação com as doloridas lembranças de seu marido, afirma que “Uma incursão no passado é dura. O passado está sempre no meu coração, não posso tirá-lo daí”<sup>66</sup>. Neste fragmento, a idosa mostra que, apesar dos esquecimentos, lida frequentemente com seu passado, processo considerado penoso e “duro”.

Entre silêncios e esquecimentos, mais não se diz do que se diz. A análise do não dito, fundamental à compreensão da vida dos idosos como um todo, de suas memórias e formas de ver o mundo, e condição indispensável ao entendimento do próprio dito, passa, inevitavelmente, por entender que, como já alerta e enuncia Sr. Amadeu, “A gente [os idosos] esquece e procura esquecer”<sup>67</sup>.

---

<sup>64</sup> Brites. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 360.

<sup>65</sup> Brites. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 349.

<sup>66</sup> Jovina. Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 295.

<sup>67</sup> BOSI, Ecléa, op. cit., p. 388.

## Capítulo 2 – O que fica: memória, indivíduo e sociedade

A memória tende a resgatar os episódios singulares, clamorosos ou terríveis.<sup>68</sup>

Muitas reflexões já foram feitas a respeito do que não foi dito ao longo dos relatos dos idosos neste trabalho. Partimos, então, à análise daquilo que ficou na memória dos idosos e foi narrado e descrito por eles em seus relatos. Para que essa análise possa ser feita, no entanto, é fundamental trazer à discussão dois grandes teóricos da memória, a fim de que, a partir de suas ponderações e considerações, seja possível entender o que ficou na memória, porque ficou e como isso é apresentado pelos idosos em suas narrativas.

Henri Bergson, filósofo francês que escreveu entre o fim do século XIX e o início do século XX, se dedica ao estudo da memória e a trata como fenômeno que influencia diretamente nas percepções e representações atuais dos indivíduos.<sup>69</sup> Diferenciando a memória-hábito das lembranças isoladas e singulares, o autor postula a espontaneidade e liberdade da memória, especialmente sob a forma de lembranças isoladas, que podem vir à tona a qualquer momento, tendo grande influência nas percepções dos indivíduos a respeito do que estão vivendo. Para o autor, então, a memória é “conservação do passado [...] quer chamado pelo presente, sob as formas de lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente”.<sup>70</sup>

Importa perceber que, de acordo com Bosi, no pensamento de Bergson, a memória é analisada “em si mesma, como subjetividade livre e conservação espiritual do passado, sem que lhe parecesse pertinente fazer intervir quadros condicionantes do teor social ou cultural”.<sup>71</sup> Falta, então, no estudo de Bergson, um tratamento da memória de forma social. Há, no entanto, ampla contribuição do autor, no âmbito deste trabalho, no sentido da complexificação feita por Bergson da ideia de “percepção como mero resultado da

---

<sup>68</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 35.

<sup>69</sup> De acordo com o que afirma BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 46.

<sup>70</sup> Apud *Ibidem*, p. 53.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 54.



interação do ambiente com sistema nervoso”<sup>72</sup>, o que influencia diretamente nos estudos da memória e da relação lembrança-percepção, ou, mais genericamente, passado-presente.

Contribuindo no sentido de analisar o caráter social da memória, Maurice Halbwachs, sociólogo francês que também escreveu entre o fim do século XIX e o início do século XX, se dedica ao estudo do que chama de “quadros sociais da memória”. Para o autor, a memória do indivíduo “depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e de referência peculiares a esse indivíduo”.<sup>73</sup> Segundo Halbwachs, não há conservação do passado “tal como foi”, mas o simples fato de o tempo de recordar ser diferente do tempo do acontecimento já nega a identidade entre o lembrado e o objeto da lembrança.

Dessa forma, para o autor, a memória da pessoa está, necessariamente, ligada à memória do grupo e à memória da sociedade, mesmo em seus momentos mais profundos e inconscientes. Entre tantas contribuições deixadas por Halbwachs, são fundamentais para este trabalho a noção, já desenvolvida anteriormente, de lembrança como representação do lembrado e, portanto, como algo que não se confunde com este e, ainda, a noção de memória como fenômeno social, influenciada, inevitavelmente, pelos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte.

A concepção daquilo que fica adotada para a análise das lembranças dos idosos que se seguirá articula memória *privada* e memória *pública* que, nos termos de Fernando Catroga, coabitam, sendo necessário reconhecer que “ambas coexistem e se formam em simultâneo”.<sup>74</sup> Entende-se, então, a memória como sistema complexo de lembranças que são representações de coisas e acontecimentos vividos e que são formadas sob a influência tanto de questões pessoais quanto de questões sociais e culturais.

---

<sup>72</sup> BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 36.

<sup>73</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 54.

<sup>74</sup> CATROGA, Fernando. *Memória e história. Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001, p. 45

Sendo assim, a análise que se seguirá partirá de dois pressupostos básicos, já postulados por Ecléa Bosi nas partes teórica e analítica de seu livro, a saber, as ideias de que, quanto a assuntos cotidianos, “fica aquilo que significa”<sup>75</sup> e, quanto a assuntos políticos, “a lembrança [...] acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção”.<sup>76</sup> Apesar dessa necessidade de diferenciação teórica para fatores explicativos, vale ressaltar que memória do cotidiano e memória política não podem ser entendidas como estruturas separadas e distantes entre si. Isso porque, segundo Beatriz Sarlo,

O testemunho [...] é composto daquilo que um sujeito se permite ou pode lembrar, daquilo que ele esquece, cala intencionalmente, modifica, inventa, transfere de um tom ou gênero a outro, daquilo que seus instrumentos culturais lhe permitem captar do passado, que suas ideias atuais lhe indicam que deve ser enfatizado em função de uma ação política ou moral no presente, daquilo que ele utiliza como dispositivo retórico para argumentar, atacar ou defender-se, daquilo que conhece por experiência e pelos meios de comunicação, e que se confunde, depois de um tempo, com sua experiência etc. etc.<sup>77</sup>

A partir dessa reflexão, pode-se perceber que tanto memória (em suas várias formas e diferenciações teóricas que fazemos para estudá-la) quanto relatos, nos quais são verbalizadas essas memórias, são influenciados por questões individuais e sociais, não sendo possível reduzir uma forma de memória (e, novamente, vale afirmar que essas formas de memória aqui tratadas são convenções teóricas) a uma área influenciada exclusivamente por aspectos individuais ou por aspectos sociais.

Seguem, então, dois subitens que se propõem a refletir sobre aquilo que ficou registrado da memória dos idosos. O primeiro subitem analisará a memória afetiva e suas manifestações nos relatos cotidianos dos idosos, enquanto o segundo se dedica à memória política e sua substância social, influenciada pelos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte. Apesar da separação teórica para fins de organização, ambos levam em conta o princípio básico das considerações teóricas de Ecléa Bosi, de que “[...] existe uma relação entre o ato de lembrar e o relevo (existencial e social) do fato recordado para o sujeito que o recorda”.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade*. Op. cit., p. 66.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 453.

<sup>77</sup> SARLO, Beatriz, op. cit., p. 58-59.

<sup>78</sup> BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade*. Op. cit., p. 65.

## 2.1 – Cotidiano e memória afetiva: fica o que significa

Fiquei tão apavorado que me lembro desse fato como se tivesse acontecido ontem.<sup>79</sup>

Ecléa Bosi afirma que “A memória das pessoas também dependeria desse amplo e longo processo, pelo qual sempre ‘fica’ o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado”.<sup>80</sup> A partir desta afirmação, propõe-se, neste subitem, o levantamento e a análise de passagens que mostram marcas de memória afetiva nos relatos dos idosos e, na busca dos possíveis motivos que fizeram com que essas lembranças ficassem em suas memórias, propõe-se, também, uma discussão dos significados que muitas dessas lembranças, quando vividas, tiveram na vida dessas pessoas.

Dona Alice tem seu relato impregnado por lembranças afetivas, memórias de situações que a impactaram e, por isso, são lembradas, muitas vezes, em detalhes. A idosa nos conta histórias de sua infância com riqueza de detalhes, como é o caso da história que se segue:

Eu não tive pai nem irmãos: a vida era de muito sacrifício. Pagávamos dez mil-réis por um quartinho de telha-vã. Uma noite uma vizinha precisou dormir conosco e chovia forte. Ouvimos o barulho de alguém que comia no escuro e minha mãe perguntou: “O que você está comendo, Mariazinha?”. “Estou chupando as pedrinhas de gelo que caem na minha cama”, ela respondeu.<sup>81</sup>

Essa história, contada por d. Alice quando essa se lembrava da pobreza que viveu na infância, é emblemática da ideia de que fica na memória o que mexeu emocionalmente, de alguma forma, com aqueles que relatam. Dona Alice também afirma, quanto ao óleo de Santa Maria que foi obrigada a tomar, que “Tinha um cheiro horrível [...]. Tive que tomar, nunca vi uma coisa mais enjoativa que aquilo, aquele gosto, aquele cheiro parece que não sai mais”.<sup>82</sup> Lembranças como essa, extremamente sensoriais, nas quais parece

---

<sup>79</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Op cit., 2015, p. 224.

<sup>80</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*... 66.

<sup>81</sup> Alice ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 96.

<sup>82</sup> Alice ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 101.

que a idosa está sentindo o cheiro do remédio novamente, são bastante comuns ao longo dos relatos, não só de d. Alice, mas de todos os outros idosos.

Sr. Amadeu também relata diversos aspectos de sua infância e juventude, dando, como os outros, enfoques afetivos a uma série de situações que presenciou ou eventos históricos dos quais fez parte. Chama a atenção o que o idoso conta a respeito da Primeira Guerra Mundial. “Com a guerra veio muita miséria, nós passamos muito mal aqui em São Paulo”<sup>83</sup>. Nota-se que, ainda que falando sobre a Primeira Guerra Mundial, seu testemunho dá destaque à forma como ele se sentiu e aos males causados em sua vida pessoal pela guerra. Essa relação entre a narração de acontecimentos de seu passado e o impacto que tiveram em sua vida pessoal aparece inúmeras outras vezes ao longo dos relatos.

Sr Abel também traz grande número de memórias políticas em seus relatos, tendo em vista que trabalhou diretamente com grandes políticos de sua época e se envolveu na política brasileira. No entanto, mesmo essas lembranças, ainda que de caráter mais político, são cheias de conotação afetiva, marcadas pelas representações de Abel a respeito das pessoas e situações de seu tempo. Além disso, pode-se dizer que grande parte dessas memórias ficou por estarem diretamente relacionadas à vida de Abel, tendo, em muitos casos, grandes impactos em sua vida, como é o caso de seus jantares com grandes políticos e frases pessoais ditas por eles diretamente a Abel.<sup>84</sup>

Sr Abel se lembra, também, dos pregões utilizados pelos vendedores nas ruas de São Paulo ainda durante a sua infância, e é capaz de citar rimas e tons utilizados por vendedores de batata, pipoca e sorvete<sup>85</sup>. Além disso, ele também se lembra de desafios de rimas em que participou e consegue recitar uma estrofe de 12 versos que utilizou como resposta em um desses desafios<sup>86</sup>. Abel se lembra, ainda, de detalhes sensoriais de lugares que frequentava em sua juventude, como se percebe na seguinte fala: “Lembro-me perfeitamente de tudo, me lembro do mato, do cheiro, daquelas framboesas brancas com que faziam um licor muito gostoso. E lá foram as primeiras fumadas que eu dei”<sup>87</sup>.

---

<sup>83</sup> Amadeu ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 129.

<sup>84</sup> Abel ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 213.

<sup>85</sup> Abel ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 185.

<sup>86</sup> Abel ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 195.

<sup>87</sup> Abel ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 181.

Sr. Antônio, assim como Abel, lembra de maneira bastante clara de rimas utilizadas em brincadeiras da sua infância<sup>88</sup>. Lembra, também, de nomes de professoras de seu primário e características físicas e de personalidade dessas professoras<sup>89</sup>, além de ter lembranças claras de frases ditas por essas professoras quando fez algo bom em sala de aula. Sr. Antônio afirma que “Ela [sua segunda professora, d. Carolina Ribeiro] escreveu o nome dos planetas no quadro-negro e ofereceu um prêmio pra quem lembrasse tudo em seguida. Eu fui o único que acertou. Ela disse solenemente: “Muito bem! Dificilmente alguém seria capaz de fazer o que você fez”. E me deu um prêmio”.<sup>90</sup>

Já d. Jovina dá detalhes da casa em que morou em sua infância e de sua vida quando era ainda muito criança, como é o caso de suas lembranças a respeito do circo na cidade quando tinha 3 anos. Jovina lembra, inclusive, de rimas que eram ditas para brincar com o palhaço do circo.<sup>91</sup> Quanto à doença que teve entre três e sete anos de idade, Jovina lembra-se de um tratamento que envolvia colocar uma rolha na boca para mantê-la aberta. Quanto a esse fato, Jovina informa que “Ainda ouço as suas vozes: “Será que ela vai engolir a rolha?””.<sup>92</sup> Lembranças como essa reafirmam o caráter afetivo da memória, que trabalha para guardar aquilo que foi significativo na vida dos que relatam.

D. Jovina foi, como Sr. Abel, pessoa engajada na vida política de sua cidade e, como consequência disso, traz uma série de memórias políticas de eventos de seu tempo. Essas memórias, no entanto, apresentam-se a partir de suas representações e estão invariavelmente marcadas pela forma como influenciaram na vida de d. Jovina. É o caso, por exemplo, de sua lembrança quanto ao seu avô, que foi para o Batalhão Tiradentes “para defender a República”<sup>93</sup>. Quanto a esse fato, a memória mais forte trazida por Jovina é a de seu pai chegar em casa, abrir o jornal e ler “com grande surpresa o nome de vovô no Batalhão Tiradentes”<sup>94</sup>.

Jovina também traz uma série de lembranças quanto a seus sentimentos em momentos de sua trajetória que escolhe relatar, informando que sentia medo de atravessar

---

<sup>88</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 227, 233.

<sup>89</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 231.

<sup>90</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 232.

<sup>91</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 262.

<sup>92</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 269.

<sup>93</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 275.

<sup>94</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit., loc. cit.

certas partes da cidade<sup>95</sup>, que se lembra da sensação de timidez que teve em certas ocasiões<sup>96</sup> e de pensamentos que teve em certos momentos de sua vida<sup>97</sup>. Quanto à morte de Euclides da Cunha, mais uma vez o que fica é a lembrança afetiva e Jovina nos conta que, quando soube do assassinato do jornalista, “Papai teve um grande abalo”.<sup>98</sup>

D. Brites, irmã de Jovina, contando sobre cenas políticas de sua infância, interrompe a narrativa para falar da morte de seu avô, da qual, apesar de ter apenas 5 anos quando do ocorrido, se lembra com clareza.<sup>99</sup> Quando relata momentos políticos como a entrada brasileira na Primeira Guerra Mundial, D. Brites fala sobre os desconfortos e divisões que isso ocasionou em sua casa, não trazendo, seja por esquecimento em decorrência de pouca relação afetiva com o ocorrido ou por escolha narrativa, qualquer informação sobre a guerra em si.<sup>100</sup>

Chama, também, a atenção, a lembrança trazida por d. Brites a respeito daquilo que chama de Revolução de 24. A idosa nos informa que, nesse período, teve que sair de casa com sua família para fugir da violência nas ruas de São Paulo.<sup>101</sup> Fatos como mudanças ocasionadas por acontecimentos políticos marcam diretamente a memória inscrita nesses testemunhos, já que tiveram impacto direto nas vidas dessas pessoas. Outro fato que marcou Brites foi a morte de Siqueira Campos, da qual lembra com detalhes, citando nomes de igrejas e locais de cerimônias quando de seu enterro. A figura de Siqueira Campos é lembrada por Brites por sua importância política, a qual a idosa considerava “um ídolo [...], uma espécie de semideus”.<sup>102</sup>

É também, acentuado, no relato de Brites, um fato que ocorreu logo após a morte de sua mãe, quando já morava apenas com suas irmãs: a execução de Sacco e Vanzetti, ocorrida em 1927.<sup>103</sup> Sobre esse fato, a idosa informa como lembra e explica, em seguida,

---

<sup>95</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 273.

<sup>96</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 278.

<sup>97</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 279.

<sup>98</sup> Jovina ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 280.

<sup>99</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 304.

<sup>100</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 314.

<sup>101</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 323.

<sup>102</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 328

<sup>103</sup> Tratou-se do episódio de assalto a uma fábrica de sapatos com duas vítimas fatais, a 15 de abril de 1920 em Massachusetts, EUA, e que levou à prisão dos anarquistas italianos Sacco e Vanzetti. O processo culminou em execução dos imigrantes. Conferir maiores detalhes em: <http://www.dw.com/pt-br/1920-assalto-que-leva-a-execu%C3%A7%C3%A3o-de-sacco-e-vanzetti/a-495137>.

a clareza da lembrança: “[...] lembro como se fosse hoje o dia da execução. Não pudemos dormir”<sup>104</sup>. Percebe-se, novamente, que permaneceu na memória aquilo que significou, a seu tempo, para a idosa, causando impacto em sua vida pessoal.

D. Brites também fala a respeito de um comício político de Luís Carlos Prestes no qual participou. A idosa afirma que “Foi uma coisa empolgante, o comício de Prestes. [...] Esse comício foi importante na minha vida, fiquei marcada. Todo mundo me apontava com o dedo. As colegas ficaram horrorizadas.”<sup>105</sup> Esse horror causado pela participação de Brites no comício é explicada quando a idosa informa que “no dia seguinte, entrei no ônibus e um rapaz conhecido falou para outro: “Esta aí é a comunista”.”<sup>106</sup> Mais uma vez, vemos que a idosa foi fortemente marcada não apenas pelo comício em si, mas pelo impacto social que essa participação política teve em sua vida pessoal, já que foi, a partir de então, que começou a ser vista pelas outras pessoas como comunista.

D. Risoleta traz, logo no início de seu relato, uma descrição detalhada de seu pai e de sua relação com ele. A idosa lembra que seu pai contava histórias e se recorda de ladainhas e cantigas com as quais brincavam quando ainda muito jovem<sup>107</sup>. Risoleta traz, ainda, relato detalhado da ocasião da morte de sua mãe, fato que foi muito marcante e que ocorreu quando Risoleta tinha entre 14 e 18 anos.<sup>108</sup> A idosa descreve, também, sua tentativa de suicídio após a morte de seu marido, citando inclusive o número de degraus que subiu para chegar ao ponto de onde decidira se jogar<sup>109</sup>. Essas lembranças caracterizam momentos extremamente relevantes na trajetória da idosa, fatos e ocasiões que marcaram profundamente sua vida e, portanto, são lembrados com detalhes e clareza impressionantes.

Chama, também, a atenção, o número de idosos que se lembram com clareza de cantigas cantadas durante sua infância. Quase todos os senhores e senhoras se lembram

---

<sup>104</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 331.

<sup>105</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 345.

<sup>106</sup> Brites ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, loc. cit.

<sup>107</sup> Risoleta ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 364, 368.

<sup>108</sup> A imprecisão aqui é marcada pela própria lembrança da idosa, que informa apenas que “Foi durante a grande guerra que durou bastantes anos que mamãe morreu.” Essa informação nos remete, pelo andar da narrativa, à Primeira Guerra Mundial, quando Risoleta tinha entre 14 e 18 anos.

<sup>109</sup> Risoleta ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 387.

de músicas, pregões, rimas e cantigas que entoavam. Muitos desses idosos associam essas cantigas a brincadeiras e momentos felizes em suas vidas, o que pode, juntamente com a repetição, ser fator que influencia no fato de terem essas manifestações culturais ficado nas memórias.

É relevante citar que Sr. Antônio notou certo padrão em suas memórias. O idoso afirma que “Os maus pedaços são mais recordáveis do que os outros”.<sup>110</sup> E exemplifica: “Eu me recordo muito bem quando tinha uns quatro anos e atearam fogo num campo”<sup>111</sup> Antônio percebeu esse padrão que se justifica, provavelmente, pelo impacto que acontecimentos negativos tiveram nas vidas daqueles que contaram suas trajetórias a Ecléa Bosi. É indicativo disso o fato de que todos os idosos contam, de forma mais ou menos detalhada, a morte de pessoas próximas, sejam pais, mães, irmãos ou cônjuges.

Por fim, aborda-se outra característica interessante da memória: muitas vezes, as que ficam são memórias afetivas de terceiros que são passadas para as próximas gerações. Beatriz Sarlo discute esse tipo de memória, que muitos autores chamam de pós-memória, e afirma que

... trata-se de uma dimensão mais específica em termos de tempo; mais íntima e subjetiva em termos de textura. Como pós memória, se designaria a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos. [...] É pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles.<sup>112</sup>

É exemplar desse tipo de memória a “lembrança” que Sr. Antônio tem a respeito da escolha de seu nome. O idoso conta que

Nasci com o braço direito pregado no corpo, esse braço não abria. [...] Um vizinho nosso aconselhou meus pais a fazerem uma trezena para Santo Antônio. [...] Na nona noite dessa trezena meu braço despregou-se. [...] Esse foi o milagre, por isso que me chamo Antônio.<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 259.

<sup>111</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, loc. cit.

<sup>112</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 91.

<sup>113</sup> Antônio ... Apud BOSI, Ecléa. ... Op cit, p. 222.



Nesse caso, a memória não pode ser do próprio idoso, tendo em vista ser ele um recém-nascido quando do acontecimento. Essa memória, então, foi trazida a ele por terceiros, provavelmente seus pais e caracterizam, portanto, um caso de pós-memória.

Percebe-se, então, que as memórias dos idosos estão fortemente ligadas à relação afetiva desses senhores e senhoras com acontecimentos, lugares e pessoas. Descrições detalhadas, relatos pormenorizados, lembranças claras de cheiros, gostos, sensações e sentimentos, entre tantas outras marcas são evidências de que, mesmo quanto a acontecimentos políticos ou que seriam externos aos indivíduos, aquilo que é lembrado e relatado teve ou tem importância afetiva na vida daqueles que narram suas trajetórias. Nas palavras de Ecléa Bosi, “Os feitos abstratos, as palavras dos homens importantes só se revestem de significação para o velho e para a criança quando traduzidos por alguma grandeza na vida cotidiana”<sup>114</sup>.

## 2.2 – Memória política e substância social

[...] lembro o horror que todos nós sentimos com a bomba atômica e Hiroshima. Não é uma lembrança íntima, [...] quando lembro disso é do comentário coletivo.<sup>115</sup>

Os processos de construção da memória são extremamente complexos. Além de forte presença individual nesses processos, quanto aos interesses, personalidades e experiências individuais, há grande influência dos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte. A participação dos grupos sociais nos processos de construção das memórias individuais se dá, geralmente, de forma inconsciente, tirando dos indivíduos o controle sobre essa participação. Além disso, diversas são as maneiras pelas quais os grupos sociais podem intervir nas memórias dos indivíduos que o compõem.

Percebe-se a existência, entre memória social e memória individual, de uma relação de reciprocidade. Isso porque as memórias sociais são, em geral, formadas pelas narrativas dos indivíduos que fazem parte dos grupos sociais que as formaram, mas as

---

<sup>114</sup> BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade*, Op. cit., p. 74.

<sup>115</sup> Risoleta ... Apud BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*..., p. 341.

memórias individuais sofrem constantes alterações e influências das memórias coletivas dos grupos dos quais participam.<sup>116</sup> Vale, aqui, explicar o conceito de grupos sociais adotado, a saber: não se referindo apenas a classes sociais, grupos sociais formam um conceito amplo de qualquer grupo de indivíduos unidos que interagem e têm, entre si, relações recíprocas, desempenhando papéis relativos dentro do grupo por um período de tempo, que pode ser curto ou longo.<sup>117</sup>

A influência dos grupos sociais sobre as memórias individuais pode assumir diversas formas. Os grupos podem intervir, intencionalmente ou não, no ato de se guardar ou não algo na memória, ponderando e filtrando o que deve e merece ser lembrado e o que não deve ou merece permanecer na memória e em como certo fato, que se escolheu ser mantido na memória coletiva do grupo, é lembrado, além de intervir, também, nas representações que se fazem, pelos indivíduos que fazem parte desse grupo, a respeito de certo acontecimento.<sup>118</sup> Dessa forma, nota-se que os grupos sociais têm grande influência sobre as memórias coletivas que são, por vezes, assimiladas e trazidas para a memória individual pelas pessoas que participam do coletivo.

As lembranças individuais, longe da ideia bergsoniana de memória pura, segundo a qual as lembranças guardam os acontecimentos como aconteceram e ressurgem de acordo com a própria vontade, são, na verdade, formadas por percepções, representações dos indivíduos sobre algo que aconteceu em seu tempo. Como toda representação, essas lembranças se colocam no e assumem o lugar do real, tomando a forma do representado e parecendo ser, frequentemente, para os que representaram, o que “*realmente aconteceu*”. Nas palavras de Chartier, a representação pode ser “entendida, deste modo, como o relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme”.<sup>119</sup>

É notável que, quando o acontecimento se deu diretamente com aquele que lembra, suas representações a respeito desse acontecimento são mais influenciadas por questões pessoais, como suas impressões, sentimentos, relações afetivas e sentidos. É o

---

<sup>116</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade...* Op cit., p. 414.

<sup>117</sup> *Grupo social* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consultado em 13/05/2017 às 17:02:08]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$grupo-social](https://www.infopedia.pt/$grupo-social)

<sup>118</sup> BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória...* Op cit.

<sup>119</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1990, p. 21.

caso, por exemplo, nos relatos dos idosos, de mortes de familiares e de acontecimentos da infância que se restringem à esfera do privado. Nesses casos, as lembranças afetivas são mais fortes e permeiam todos os relatos.

No entanto, quando o acontecimento tem caráter político, coletivo as memórias são, frequentemente, marcadas por diversos fatores que tendem ser assimilados pelos indivíduos e passam a compor suas próprias memórias individuais a respeito de certo fato. Segundo Ecléa Bosi, “O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado”<sup>120</sup>. Ou seja, as memórias individuais são influenciadas pelas representações coletivas feitas pelos grupos em que os indivíduos vivem. Essas representações coletivas, assim como a memória, filtram o que fica e o que não fica, de acordo com suas necessidades e padrões, processo que se dá por vezes conscientemente e, por outras, de maneira inconsciente.

Essas representações coletivas (ou representações sociais) se apoiam em seus grupos sociais, e “estão ligadas tanto a sistemas de pensamento mais amplos, ideológicos ou culturais, a um estado dos conhecimentos científicos, quanto à condição social e à esfera da experiência privada e afetiva dos indivíduos”.<sup>121</sup> Essas representações dão lugar a versões da realidade e “organizam as condutas e comunicações sociais”.<sup>122</sup> Assim como entre memória coletiva e memória individual, pode-se entender a relação entre representações sociais e grupos sociais como uma relação de retroalimentação, tendo em vista que os grupos representam mas são organizados e orientados pelas próprias representações sociais que fazem.

Entende-se, então, que as lembranças, especialmente políticas, dos indivíduos já estão, de certa maneira, inseridas em um quadro social mais complexo, marcado pelos posicionamentos dos grupos sociais nos quais se inserem. Assim, as visões sociais e políticas de um grupo que partilha, por exemplo, a mesma profissão, tende a ser semelhante, ainda que não se possa generalizar. Nota-se, também, que, quanto mais coeso

---

<sup>120</sup> BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 54.

<sup>121</sup> JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Denise Jodelet (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 21.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 22.

o grupo social, mais semelhança há entre as representações feitas pelos membros desse grupo.

Ecléa Bosi pondera, em um de seus escritos sobre memória, que

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais.<sup>123</sup>

Dessa forma, as lembranças políticas dos indivíduos tendem a ser permeadas por valores e posicionamentos ideológicos dos grupos sociais de que fazem parte.

Michel Pollak afirma, em suas reflexões a respeito da memória, que os elementos constitutivos da memória são “acontecimentos vividos pessoalmente [...] [e] aqueles vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente pertencer”.<sup>124</sup> Sendo assim, percebe-se que a memória é construída por representações pessoais e sociais de acontecimentos pessoais e sociais. Essas reflexões teóricas são fundamentais para que se parta à análise das marcas de memórias políticas presentes nos relatos dos idosos.

Chama a atenção, inicialmente, alguns fatos que estão presentes nos relatos de vários idosos, como é o caso da epidemia de gripe espanhola que ocorreu em São Paulo por volta de 1918. Vários deles relatam momentos de perda de familiares ou pessoas próximas em decorrência da epidemia, além de utilizarem a epidemia como marco temporal em seus relatos, dividindo, em alguns casos, acontecimentos como *antes da gripe e depois da gripe*. Sr. Ariosto nos informa que em “1918 eu via gente andando e de repente caía, vi gente morrendo na rua. Era a gripe espanhola”.<sup>125</sup> Nesse caso, a memória coletiva está relacionada ao impacto causado pela epidemia – é difícil esquecer-se de uma doença que matou número tão grande de pessoas<sup>126</sup>, entre as quais muitas eram próximas a esses idosos, e que teve forte impacto na vida dos habitantes de São Paulo.

---

<sup>123</sup> BOSI, Ecléa *O Tempo Vivo da Memória*. Op. cit., p. 21-22.

<sup>124</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, 1992, p. 2.

<sup>125</sup> Ariosto ... Apud BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade...* Op cit., p. 163.

<sup>126</sup> Estima-se que cerca de 1% da população de São Paulo faleceu em decorrência da doença, o que corresponderia, à época, a mais de 50 mil pessoas. Conferir mais em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao29/materia02/>

Outros dois fatos citados por muitos idosos referem-se a atos criminosos. Os idosos nos contam a respeito de Meneghetti, um ladrão que “saltava de vinte metros de altura, subia nas paredes como um gato”.<sup>127</sup> Falam, também, a respeito de um criminoso turco que matou sua esposa e colocou-a em uma mala, a fim de transportá-la para o além-mar, mas não obteve sucesso e foi descoberto. É o caso, por exemplo, de d. Alice, que informa que, “[...] me lembro do crime da mala. O marido matou a moça e queria embarcar com ela dentro da mala para jogar em alto-mar. No navio, a mala pingava sangue”<sup>128</sup>. Sobre o mesmo crime, sr. Ariosto conta que

Um crime que ficou famoso foi o de um turco, Farah, que matou a mulher, enrolou num pano e fechou na mala; queria atravessar o mar, mas foi preso e condenado a trinta ou mais anos de cadeia. Fazem quase sessenta anos.<sup>129</sup>

Em ambos os casos, o impacto midiático dos fatos e a repercussão entre as diversas camadas sociais da sociedade paulista fazem com que os fatos sejam lembrados com certa riqueza de detalhes, mesmo cerca de 60 anos após sua ocorrência, enquanto diversos outros crimes não são citados em seus relatos.

Quanto a fatos políticos, percebe-se que a posição política e ideológica dos idosos tem grande impacto sobre suas formas de ver eventos e personagens políticos de sua juventude sobre os quais falam. Ecléa Bosi informa que “na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência”<sup>130</sup> e essa constatação é comprovada a partir da análise das narrativas dos idosos.

Os grandes marcos historiográficos do período, como a aclamada Revolução de 30, perdem, muitas vezes, sua importância. Mesmo para aqueles que, estando em extratos sociais mais desfavorecidos, viram em Getúlio Vargas uma figura positiva, a Revolução em si, enquanto evento político, não foi de grande importância, e sim o governo varguista e suas políticas, especialmente trabalhistas.

Sobre o assunto, sr. Amadeu nos conta que “O Getúlio fez leis que se executam hoje e para o movimento operário ele foi um dos melhores presidentes que teve o

---

<sup>127</sup> Ariosto ... Apud BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade...* Op cit., p. 165, 166.

<sup>128</sup> Alice ... Apud Idem, p. 117, 118.

<sup>129</sup> Ariosto ... Apud Idem, p. 166.

<sup>130</sup> BOSI, Ecléa, Op cit., p.453.

Brasil”.<sup>131</sup> Chama a atenção, além da representação de Getúlio Vargas, o fato de que o idoso traz essa fala quando comentando sobre a Coluna Prestes, sem se referir, nesse contexto à Revolução de 30. D. Risoleta, explicando seu engajamento na campanha de Getúlio Vargas, afirma que “Antes do Getúlio, tinha muita injustiça: a pessoa trabalhava sem aposentadoria, não tinha direito a nada”.<sup>132</sup>

Outros idosos, como é o caso de Sr. Abel, estava inserido no grupo político que organizou e participou de forma direta no movimento constitucionalista de 1932, que ficou conhecido, em São Paulo, como Revolução 1932. Seu grupo social suprimiu o evento conhecido como Revolução de 30 e escolheu dar destaque a um outro movimento, a Revolução de 1932, que aclama como grande revolução de seu tempo. Ele afirma que “A Revolução de 32, esta sim! Ela não perdeu, ela apenas ensarilhou suas armas. [...] ela deixou de lutar quando nós já tínhamos obtido o que queríamos, o fim já tinha chegado”<sup>133</sup>. Sua memória de Getúlio também difere bastante quanto àquela demonstrada pelos apoiadores do político, mas assemelha-se àquela que ficou no imaginário de seu grupo social. Abel afirma sobre Getúlio Vargas, que “Foi assim que ele se perpetuou quinze anos no poder, rasgando a Constituição, desrespeitando a Carta Magna”.<sup>134</sup>

Enquanto grandes marcos historiográficos são ignorados ou perdem seu valor e impacto nos relatos desses idosos, outros eventos e acontecimentos ganham destaque que não receberam na historiografia, como é o caso do que os idosos chamam de Revolução de 1924 e Revolução de 1932. Posicionando-se contra ou a favor desses levantes, os idosos citam esses eventos como grandes acontecimentos de seu tempo e usam-nos, diversas vezes, como marco temporal em seus relatos. Isso porque ambos tiveram grande impacto na sociedade paulista, gerando confrontos armados, mobilizando parentes e conhecidos, retirando pessoas de suas casas, sendo noticiados em jornais da época e ecoando pelas ruas paulistas no início do século XX.

Por fim, pode-se atestar a existência de um “lastro comunitário de que nos servimos para construir o que é mais individual” em nossas memórias.<sup>135</sup> As

---

<sup>131</sup> Amadeu ... Apud Idem, p. 146.

<sup>132</sup> Risoleta ... Apud Idem, p. 385.

<sup>133</sup> Abel ... Apud Idem, p. 199, 200.

<sup>134</sup> Abel ... Apud Idem, p. 200.

<sup>135</sup> BOSI, Ecléa, Idem, p.407.

representações que ficam na memória individual estão, então, frequentemente, imersas em contextos sociais que as influenciam diretamente, e, dessa forma, “meio passamos a ter, por elaboração nossa, certos valores que derivaram naturalmente de uma práxis coletiva”.<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> Idem.

### Capítulo 3 – História e memória: construções historiográficas

A experiência política, enquanto partidária, necessariamente vai modelando, com o tempo, formas de discurso valorativo, convencional, “ideológico”, que podem esconder o teor [...] da fala testemunhal; formas que vão ficando cada vez mais parecidas com as da crônica oficial, geralmente celebrativa.<sup>137</sup>

Diante de tudo que foi apresentado, pode-se perguntar: se a memória dos indivíduos adotados como fonte para esta pesquisa formula-se preferencialmente pelo caráter afetivo e a memória política expressa por eles é bastante relacionada à memória coletiva dos grupos sociais dos quais fazem parte, qual poderia ser, então, a relação entre essas memórias apresentadas e uma memória histórica ou, ainda, à historiografia a respeito do período ao qual se referem as memórias em questão?

Para que seja possível a resposta a essa indagação, é necessário que se volte os olhos para os grandes marcos historiográficos construídos sobre o período vivido pelos indivíduos que estão contando suas histórias no conjunto de relatos presentes neste trabalho. A historiografia exalta, como grande marco historiográfico do período de juventude dos idosos (entre 1900 e 1940), a Revolução de 30, dividindo, por vezes, em uma perspectiva de ruptura, a república brasileira como primeira república, antes de 30, e governo de Vargas, após a “revolução”.

Foco de diversas disputas historiográficas, o evento conhecido como Revolução de 30 é frequente objeto de estudo de historiadores e intelectuais<sup>138</sup>, que buscam, no episódio, um momento importante e marcante para a república brasileira. Percebe-se que a historiografia tem, então, tomado o movimento revolucionário de 1930 como um fato marco na história do Brasil. Carolina Soares Sousa atesta esse processo de construção da Revolução de 1930 como marco, afirmando que “A historiografia brasileira, a partir da

---

<sup>137</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 458.

<sup>138</sup> Entre os estudiosos da Revolução de 30, há Boris Fausto, pesquisadores da época como Virgínio Santa Rosa e Barbosa Lima Sobrinho, além de Edgar de Decca, que, já na década de 70, operou grande revisão historiográfica desse evento.



década de 60, fez a leitura da revolução de 1930 instituindo-a como fato marco”<sup>139</sup>. A historiografia, nesse contexto, vem se utilizando por diversas vezes do conceito de ruptura para tratar das mudanças políticas, econômicas e sociais atribuídas ao episódio. Dessa forma, diversos historiadores e mesmo estudiosos contemporâneos da Revolução se posicionam a respeito do ocorrido, dando suas próprias versões, baseadas na análise de fontes documentais, no caso dos primeiros, ou na própria vivência dos acontecimentos, como fazem os segundos, em busca de explicar o caráter do movimento e sua dinâmica.

Várias são as versões historiográficas a respeito do levante. Essas diversas versões lutam entre si para tornarem-se discurso dominante<sup>140</sup>. No entanto, é importante ressaltar que, por muitos anos, a versão historiográfica que se consolidou como discurso dominante a respeito da Revolução trata de aspectos e grupos políticos e econômicos que teriam, segundo esses estudiosos, sido as principais bases do movimento revolucionário de 1930. Boris Fausto constata esse fato já na introdução de seu livro sobre a Revolução, afirmando que

Na análise da Revolução de 1930 parti de duas linhas principais que se cristalizaram na historiografia brasileira, procurando apreender seu sentido mais profundo: uma sintetiza o episódio revolucionário em termos de ascensão ao poder da burguesia industrial; outra o define como revolução das classes médias.<sup>141</sup>

Essas ponderações são importantes para que se reflita a respeito da relação, colocada em questão no início deste capítulo, entre historiografia e memória. É notável, a partir da leitura dos relatos dos idosos adotados como fonte neste trabalho, que, enquanto a historiografia dominante estabelece o levante de 1930 como grande marco que divide a história brasileira, os idosos não veem, neste evento, o mesmo caráter de uma ruptura importante com as estruturas anteriores ao evento.

---

<sup>139</sup> SOUSA, Carolina Soares. *Revolução de 30: a operação historiográfica e o abandono da memória*. In: Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varella (org.). *Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia*. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008, p. 1.

<sup>140</sup> ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.

<sup>141</sup> FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. Historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 9.

Dona Alice, por exemplo, nos fala do que chama de “Revolução de Isidoro Dias Lopes”<sup>142</sup>, forma como ficou conhecido, em São Paulo, o levante ocorrido em 1924, liderado por Isidoro Dias Lopes,<sup>143</sup>mas não cita, em qualquer momento de seu relato, a aclamada Revolução de 30. Dona Risoleta e sr. Ariosto falam não do evento conhecido como Revolução de 30, mas das mudanças que as alterações nas leis trabalhistas ocasionaram em suas vidas, referindo-se então não à revolução, mas a um período posterior, já no governo Vargas.

Entre essas alterações nas leis e direitos que os trabalhadores passaram a ter no governo Vargas, há, por exemplo, a aposentadoria. Ariosto afirma que “Isso foi depois de 32, na época do Getúlio que deu a aposentadoria”<sup>144</sup>. O idoso também afirma, quanto ao governo Vargas, que o presidente “lutou contra a classe patronal, capitalista”.<sup>145</sup> Risoleta informa que “As coisas que ele [Getúlio Vargas] criou para os pobres vigoram até hoje. Não tinha aposentadoria para ninguém, quem criou foi ele.”<sup>146</sup> A idosa também explicita sua representação a respeito da figura de Vargas, explicando que “ele era do lado da pobreza, achava que os pobres haviam de ser menos pobres e os ricos menos ricos”.<sup>147</sup>

Outros, como é o caso de d. Brites, sr. Antônio e sr. Amadeu, falam a respeito de Vargas ou de disputas políticas do período de sua juventude, mas não há descrição de grandes rupturas ou momentos de disputas em 1930 em seus relatos. D. Brites, em seu relato, fala sobre Getúlio, afirmando que “quem botou ordem no trabalho do menor com muita demagogia foi o Getúlio”.<sup>148</sup> Ao falar sobre 1930, a idosa foca sua narrativa na morte de Siqueira Campos<sup>149</sup>, deixando de lado a Revolução de 30. Sr. Antônio explica

---

<sup>142</sup> Alice ... Apud BOSI, Ecléa. Op cit, p. 111.

<sup>143</sup> O levante, que ocorreu em São Paulo, é considerado o segundo movimento tenentista, após aquele liderado por Luís Carlos Prestes que se deu em 1922. Os revoltosos faziam críticas à República Oligárquica e partiram à ação armada, em São Paulo, a fim de desestabilizar as estruturas do governo de Arthur Bernardes, então presidente. O movimento foi exemplarmente punido e é considerado o maior conflito armado da história do Estado de São Paulo. Mais detalhes sobre o movimento e análises aprofundadas podem ser encontrados em artigo de Carlo Romani: ROMANI, Carlo. Antecipando a era Vargas: a Revolução Paulista de 1924 e a efetivação das práticas de controle político e social. *Topoi*. v. 12, n. 23, Rio de Janeiro, 2011.

<sup>144</sup> Ariosto, Apud BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade* ...Op cit, p. 162.

<sup>145</sup> Ariosto, Apud Idem, p. 167.

<sup>146</sup> Risoleta. Apud Idem, p. 385.

<sup>147</sup> Risoleta. Apud Idem loc. cit.

<sup>148</sup> Brites. Apud Idem, p. 325.

<sup>149</sup> Brites. Apud Idem, p. 328.

que “Foi um farmacêutico gaúcho, ministro do Getúlio, que fez as leis trabalhistas”<sup>150</sup> e que “O Getúlio era um homem bom”.<sup>151</sup> Amadeu, operário sindicalista, dá destaque à atuação, após 1930, dos sindicatos de trabalhadores. O idoso traz, em seu relato, que “Depois, na entrada de Getúlio em 32, parece-me que o sindicato começou aos poucos a sua atividade”.<sup>152</sup> Sobre as leis trabalhistas, afirma que “Na conquista do 13º salário, os sindicatos anunciaram que sem o 13º ninguém iria trabalhar”.<sup>153</sup>

Como já foi possível atestar nas páginas anteriores deste trabalho, o que se pode notar é uma relação entre sua memória política e a de seus grupos sociais, além de uma relação direta entre o impacto desses eventos em suas vidas e seu registro duradouro em suas memórias. No entanto, ao contrário do que se poderia esperar, dado a importância que tem a Revolução de 30 para a historiografia brasileira, os idosos pouco falam do movimento revolucionário de 30 e dão, frequentemente, mais destaque, em seus relatos, a eventos como a Revolução de 32, ocorrido em São Paulo e vivida de muito perto por eles.

A percepção da relação entre as memórias políticas dos idosos e as memórias coletivas de seus grupos sociais é fundamental para que se entre em uma discussão importante. No contexto apresentado, questiona-se: se a memória dos idosos paulistas apresentada ao longo deste trabalho não traz como grande marco um evento consagrado pela historiografia como revolucionário e de grande porte e impacto, como se explica que seja esse o discurso que prevalece por tantos anos e se torna, como já afirmado, um discurso dominante a respeito do período?

Esse fenômeno ocorre porque a historiografia trabalha, frequentemente, em um processo de construção de marcos, que teriam como principal característica representarem uma ruptura significativa com um momento anterior. Assim, no contexto de mudança política ocasionado pela “revolução”, quando Getúlio Vargas ascende ao poder, importa que o passado, supostamente superado, seja visto de forma negativa, pejorativa, para que, por meio da criação e consolidação da oposição presente-passado, valere-se o novo como positivo, desejado e, até mesmo, como resultado natural de um

---

<sup>150</sup> Antônio. Apud Idem, p. 236. (acertar as demais)

<sup>151</sup> Antônio. Apud Idem, loc. cit.

<sup>152</sup> Amadeu. Apud Idem, p. 136.

<sup>153</sup> Amadeu. Apud Idem, p. 137.

processo. O passado é trabalhado de forma a dar sentido ao que vem depois, visto como momento de superação.

Nesse processo de construção de marcos, a historiografia utiliza-se do discurso do vencedor, silenciando as demais vozes, que são tidas como derrotadas pelo levante, e fazendo com que sejam, assim, esquecidas.<sup>154</sup> A partir da adoção do discurso do vencedor pela historiografia, esse discurso passa por um processo de naturalização, pelo qual torna-se, em aparência, o único possível e, portanto, discurso dominante. Assim, momentos históricos que foram, na perspectiva dos vencedores, importantes para seus movimentos, são adotados pela historiografia como tal e tornam-se marcos historiográficos, ainda que não o sejam, muitas vezes, para uma série de fontes das quais a historiografia poderia dispor para seu estudo, como é, neste caso, a memória dos idosos. Em casos como esse, “os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações às quais dão origem e que os enquadram”.<sup>155</sup>

Dessa forma, o antes e o depois desse marco passam a ser observados num “antes e num após revolucionário”<sup>156</sup>, de tal maneira que tudo é analisado na perspectiva dos agentes revolucionários. Nas palavras de Edgar de Decca,

A revolução de trinta como memória histórica do vencedor da luta, fazendo parte do exercício de dominação, edifica o futuro ao mesmo tempo que refaz o passado, qualificando tanto os agentes como o seu próprio sentido. Toda história transcorrida até trinta é memorizada pelo vencedor como uma luta entre dois agentes sociais, os revolucionários e a oligarquia. Os primeiros, desde a memória histórica, como vitoriosos, decidindo o sentido do passado [...], e os últimos como inimigos da revolução.<sup>157</sup>

Nota-se, então, que a revolução, a partir, também, da historiografia, “refaz o passado qualificando [...] seu próprio sentido” e toda a história até trinta é “memorizada pelo vencedor”. Assim, as demais vozes são, muitas vezes, completamente silenciadas na construção do discurso historiográfico a respeito de um momento histórico e as possíveis contribuições dessas outras versões, outras formas de se contar a história, são ignoradas.

---

<sup>154</sup> DE DECCA, Edgar Salvadori. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>155</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi*, v. 5, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985, p. 312.

<sup>156</sup> DE DECCA, Edgar Salvadori. Op. cit., p. 109.

<sup>157</sup> DE DECCA, Edgar Salvadori. Op. cit., p. 108-109.

Dessa forma, opera-se a construção de marcos que não tiveram o impacto que parecem ter na historiografia e esses marcos são naturalizados e fortalecem-se.

Destaca-se aqui, no entanto, que, assim como a historiografia constrói marcos e silencia vozes, outros estudiosos dedicam-se ao estudo dessas vozes silenciadas e, a partir de suas pesquisas, dão voz e espaço, adotando-as como fonte, a outras versões e representações dos fatos. Essas novas interpretações e versões são, em geral, distantes daquelas dominantes, comumente consideradas oficiais. É o caso do trabalho feito por Edgar De Decca<sup>158</sup>, já citado neste capítulo, que se debruça sobre novas fontes, muitas das quais estavam, até então, silenciadas, por terem sido vencidas pelo movimento de 1930, e realiza, baseando-se nelas, uma revisão do evento histórico que se tornou marco para a historiografia da república brasileira.

O que se propõe, então, não é que se deva esquecer outros discursos e buscar como fonte apenas a memória, já que, como nos alerta Beatriz Sarlo, “Não se deve basear na memória uma epistemologia ingênua cujas pretensões seriam rejeitadas em qualquer outro caso”<sup>159</sup>. É necessário, no entanto, que a historiografia, para construir seus discursos, dê voz aos diversos indivíduos envolvidos, inclusive às diversas vozes que representam diferentemente, a partir do seu lugar de fala, momentos e fatos consagrados pela historiografia.

Com essa abertura a novas vozes, é possível perceber uma passagem de enfoque em certas perspectivas políticas para as questões mais afetivas. No caso deste trabalho, os novos focos tornam-se as memórias mais afetivas trazidas pelos idosos. Essa adoção de uma perspectiva mais particular, centrada nas trajetórias de certos indivíduos, encontrados em relatos autobiográficos, representa uma aproximação à micro história, afastando-se, portanto, de análises macro históricas e estruturais.

Essa mudança de escala de observação, segundo Jacques Revel, historiador francês que estuda a abordagem micro histórica, “não significa apenas aumentar (ou

---

<sup>158</sup> Homenageia-se, aqui, Edgar Salvadori De Decca, grande pesquisador e intelectual brasileiro que operou uma revisão historiográfica da Revolução de 30. De Decca faleceu em dezembro de 2016 e trabalhava, então na Unicamp, onde foi professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, pró-reitor de graduação e vice-reitor da Universidade.

<sup>159</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Companhia das letras, 2007, p. 44.

diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama”<sup>160</sup>. O autor explica, ainda, que “mudar as escalas de representação [...] não consiste apenas em representar uma realidade constante em tamanho maior ou menor, e sim transformar o conteúdo da representação”.<sup>161</sup>

Dessa forma, é possível perceber que a micro história, a partir da sua ideia de levar “em consideração os aspectos mais diversificados da experiência social”<sup>162</sup>, nega a ideia de contexto homogêneo, unificado, dentro dos quais os indivíduos agiriam e fariam suas escolhas, e traz à tona, com base nesses novos aspectos da experiência social que leva em conta, novos contextos. Nota-se, então, que a abordagem micro histórica aqui adotada dá espaço ao entendimento de uma pluralidade de contextos nos quais os atores agem e se inscrevem, contextos esses de dimensões e níveis variados.<sup>163</sup>

Esses novos contextos que emergem com a abordagem da micro história, no entanto, não necessariamente se contrapõem às visões historiográficas oficiais, mas, no mínimo, as enriquecem, já que diversificam as possibilidades de análise e aproximação de fatos e momentos históricos. Ocorre, assim, um enriquecimento das perspectivas historiográficas tradicionais por meio de uma pluralização de contextos observados e trazidos à tona. Nas palavras de Jacques Revel,

[...] a escolha do individual não é vista [...] como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve.<sup>164</sup>

---

<sup>160</sup> REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social” In: Jacques Revel (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 20.

<sup>161</sup> Idem.

<sup>162</sup> Idem, p. 22.

<sup>163</sup> Idem, p. 27-28

<sup>164</sup> Idem, p. 21.

## Considerações finais

[...] as coisas eram diferentes; esse é apenas um ponto de vista meu.<sup>165</sup>

Longe de abarcar todos os aspectos possíveis das discussões existentes entre memória e história, esta monografia teve como principal interesse o estudo da memória em um conjunto de relatos de idosos e, a partir desse estudo, uma abordagem das relações existentes entre essas memórias e a historiografia sobre o período em questão. Ressalta-se, entretanto, que não se deve generalizar as relações entre memória e historiografia a partir das constatações feitas neste trabalho. Ao contrário, entende-se que essas constatações são válidas para o a relação entre memória desses idosos adotados como fonte e a historiografia a respeito desse período específico da história brasileira.

É possível, no entanto, atestar, com base no estudo apresentado, a existência de uma relação que é, por vezes, conflituosa e de concorrência, entre memória e história. Não se podem negar identidades entre as memórias dos idosos que relataram suas vidas à psicóloga social Ecléa Bosi e a historiografia da república brasileira, mas chamam à atenção, também, as diferenças e os conflitos entre as representações feitas pela historiografia e aquelas elaboradas pela memória desses testemunhos, além do constante silêncio imposto pela historiografia a certas vozes, representações, fatos e acontecimentos que se mostram importantes para a memória de quem viveu aqueles acontecimentos.

Percebe-se, então, que longe da ideia de um discurso homogêneo e consolidado formulado graças à naturalização de um discurso promovido pela historiografia, o que há é uma série de discursos que concorrem entre si a fim de tornarem-se dominantes e, as vozes que perdem nessa disputa, são, geralmente, silenciadas.

O objetivo aqui foi, então, notar e fazer notar essas vozes silenciadas em suas nuances, no que escolheram falar e no que preferiram silenciar, no que ficou em suas lembranças e naquilo que, por algum motivo, foi esquecido e apagado. Afasta-se, aqui, da pretensão de afirmar as memórias e representações dos idosos como a verdade a

---

<sup>165</sup> Brites Apud BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 351.

respeito do que ocorreu, em detrimento de análises historiográficas já feitas, já que os próprios idosos reconhecem que suas memórias não escapam à inexatidão, pois constituem-se em visões, representações do ocorrido, como pode se perceber por meio da epígrafe que abre essas considerações finais.

A pesquisa e o texto voltam-se, então, à problematização e desnaturalização de representações historiográficas consolidadas. Essa desnaturalização foi possível a partir da observação e análise de discursos produzidos por indivíduos que viveram o período aqui abordado. A análise concentrou-se no fato de que as memórias cotidianas dos indivíduos são, no conjunto de fontes estudadas, marcadas pelas percepções e lembranças afetivas, enquanto as memórias políticas dialogam mais de perto com representações sociais de grupos dos quais os indivíduos fizeram parte.

Dessa forma, a partir da adoção de uma perspectiva micro histórica, distante de análises macro e estruturais, foi possível uma aproximação de aspectos afetivos das memórias no conjunto de fontes adotado e, assim, foram trazidos à tona novos contextos, perspectivas e representações com o objetivo não de substituir análises historiográficas macro, mas enriquecê-las e pluralizá-las. Assim como os historiadores, que trabalharam em suas análises e estudos sobre a história brasileira, os idosos que narraram suas vidas a Ecléa Bosi, em seu processo característicos da memória e em seus relatos biográficos, também o fizeram. Nas palavras de sr. Amadeu, “eles também trabalharam”.<sup>166</sup>

---

<sup>166</sup> Amadeu Apud BOSI, Ecléa, *Memória e Sociedade* op. cit., p. 153.



## ***Corpus documental***

Depoimentos realizados na segunda metade da década de 1970 por Ecleia Bosi e encontrados em sua íntegra no livro BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Os relatos são de, na ordem em que aparecem no livro:

D. Alice, costureira, idade não informada, p. 95.

Sr. Amadeu, operário, 71 anos, p. 124.

Sr. Ariosto, florista, 77 anos, p. 154.

Sr. Abel, trabalhador administrativo do Instituto do Café, 74 anos, p. 177.

Sr. Antônio, ator de teatro, 73 anos, p. 222.

D. Jovina, professora, 80 anos, p. 262.

D. Brites, professora, 74 anos, p. 296.

D. Risoleta, trabalhadora doméstica em casa de família, 77 anos, p. 363.

## Bibliografia

- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social. Enciclopédia Einaudi*, v. 5, Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CATROGA, Fernando. Memória e história. In: Sandra Pesavento (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990,
- CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n.11, 1991.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. *O silêncio dos vencidos*. Brasiliense, 1981.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. Historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão” In: Denise Jodelet (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricas*, v. 2, n. 3, 1989.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROMANI, Carlo. *Antecipando a era Vargas: a Revolução Paulista de 1924 e a efetivação das práticas de controle político e social*. Topoi (Rio de Janeiro), v. 12, n. 23, 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Carolina Soares. *Revolução de 30: a operação historiográfica e o abandono da memória*. In: Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varella (org.). *Caderno de resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia*. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

## DECLARAÇÃO DE AUTENCIDADE

Eu, Eduardo Henrique Lopes Lima Correa, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *O lembrar e o esquecer. Memórias e histórias* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Eduardo Henrique Lopes Lima Correa

Brasília, junho de 2017